

Revista de Acompanhamento Terapêutico

ATRAVessar



dobro
UNIVERSITÁRIO

ATRAVESSAR Nº 1 • 2º SEMESTRE DE 2012

CORPO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL Profa. Dra. Luciana Chaui-Berlinck
Associação de Acompanhamento Terapêutico, São Paulo, SP – Brasil
Nupsi, USP.

CONSELHO EDITORIAL Prof. Dr. Kleber Duarte Barretto (UNIP – AAT)
Profa. Dra. Olgária Féres Matos (FFLCH – USP)
Prof. Dr. David Calderoni (Nupsi – USP)
Prof. Dr. Andrés Eduardo Antúnez (IP – USP)
Prof. Dr. Marcus Vinicius de Oliveira Silva (UFBA)
Prof. Dr. Marco Antonio Macías Lopes (UAQ – México)
Profa. Dra. Ana Celeste Pitiá (

PARECERISTAS AD HOC: Daniela Della Torre (AAT)
Marcelo Cruz (UNIP – Habitat – AAT)
Tania Possani (Habitat – AAT)
Roberta Elias Manna (FIG – Gerações)
Maria Laura Frank (Fundacion Sistere – UNC – AATRA – Argentina)
Sandra Silveira Carvalho (MCAAT – Hamilton – Canadá)

PRODUÇÃO EDITORIAL

JORNALISTA RESPONSÁVEL Naiene Sanchez
SECRETARIA Ana Carla da Silva
EDITORA RESPONSÁVEL Luciana Chaui-Berlinck
REVISÃO Karina Costa Affonso e Siddhartha Sacadura

PORTAL EDITORA E EVENTOS

EDITOR Reynaldo Damazio
CONSELHO EDITORIAL Adolfo Montejo Navas, Carlos Felipe Moisés, Edison Carmagnani Filho,
Eduardo Sterzi, Frederico Barbosa, Tarso de Melo
ASSISTENTE EDITORIAL Débora Ferreira
ARTE Regina Kashihara
INTERNET Ricardo Botelho
CONTATO Rua Domingos de Morais, 1039 • conj. 2
Vila Mariana • São Paulo • SP • CEP 04009-002
Tel. 11 5083-3090
www.portaleditora.com.br
IMAGEM DA CAPA Abdulaziz Almansour | sxc.hu

© Portal Editora e Eventos 2012 Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou armazenada,
por quaisquer meios, sem a autorização prévia e por escrito da editora
e do autor.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Belacop

Atravessar. – ano I, n. 1 (jul-dez/ 2012)
São Paulo : Dobra Editorial, 2012. 120 p.
16x23cm
Semestral
ISSN 2316-7092
1. Acompanhamento terapêutico – Periódicos. I. Título

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: uma clinica assentada na ética

THERAPEUTIC ACCOMPANIMENT: A CLINIC SEATED ON ETHICS

GILBERTO SAFRA

Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

RESUMO

O artigo procura assinalar as tarefas fundamentais do Acompanhamento Terapêutico no momento histórico atual. Enfatiza-se a necessidade de que os profissionais da área trabalhem na explicitação dos princípios éticos dessa modalidade clínica. O Acompanhamento Terapêutico surgiu como prática secundária diante da Psiquiatria e da Psicanálise. A perspectiva técnica foi a mais frequente e torna-se necessária ultrapassar o registro da técnica em direção à ética.

Como contribuição, o artigo busca apontar alguns princípios éticos fundamentais na prática de Acompanhamento Terapêutico. Entre esses princípios aborda-se a hospitalidade, o acolhimento da singularidade, a busca do acompanhado pela pessoa subjacente ao lugar profissional do Acompanhante Terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Acompanhamento Terapêutico, Ética, Hospitalidade, Singularidade.

ABSTRACT

This article tries to point out the fundamental tasks of the Therapeutic Accompaniment in current historical moment. It emphasizes the need for the professionals in the field to work towards the explanation of the ethical principles that are the ground of this clinical modality emerged as secondary practice under the fields of Psychiatry and Psychoanalysis. The technical perspective was the most frequent in the field and it becomes necessary to overcome the perspective of the technique toward the ethics perspective. As a contribution, this article seeks to identify some fundamental ethical principles in the practice of Therapeutic. Among these principles the article focuses on the hospitality, the reception of the singularity, the patient's search for the person behind the professional in Therapeutic Accompaniment.

KEYWORDS: Therapeutic Accompaniment, Ethics, Hospitality, Singularity.

O Acompanhamento Terapêutico surge como um procedimento complementar às atividades do psiquiatra e psicanalista. Esses profissionais percebiam

que só a psicoterapia ou psicanálise, como praticadas naquele momento da história, não dava conta das necessidades do paciente. O modelo clínico excessivamente focado na subjetividade não contemplava de modo suficiente a necessidade de que esses pacientes tinham de constituição de mundo, de cotidiano e de inserção na realidade sócio cultural.

O Acompanhamento Terapêutico emerge de certa instabilidade do modelo antropológico calcado profundamente na subjetividade, havia a demanda de uma prática clínica alinhada com outro modelo antropológico: o homem no mundo. De certa forma, as próprias problemáticas dos pacientes apontavam a necessidade de que esses pacientes tinham de inserção e lugar no mundo humano. Um dos problemas da prática em Acompanhamento Terapêutico é que ela se estabeleceu, inicialmente, como subordinada a outros profissionais e como uma técnica ou procedimento clínico secundário. Ao longo dos anos, revelou-se a importância da prática dessa modalidade clínica, principalmente, quando pensamos a situação do mundo na atualidade que contribui para o adoecimento do ser humano.

Fenômenos como o desenraizamento, o estilhaçamento dos espaços de convívio, individualismo, a humilhação social, a invisibilidade, a alteração do espaço e do tempo humano pela substituição do vértice humano pela perspectiva digital entre outros. Percebe-se a evolução do campo pela multiplicação de profissionais voltados para essa modalidade clínica, por pesquisas voltadas para o tema, livros, congressos etc. Vemos que diferentes perspectivas teóricas buscam abordar essa prática clínica para conceituá-la e há de certo modo um anseio nos profissionais do campo em apresentar a prática em Acompanhamento Terapêutico não mais como prática secundária, mas importante em si mesma.

Modelos são buscados para que isso seja alcançado como o modelo da cidadania, o da inserção na cidade, o da comunidade, o da amizade etc. Um desafio que se coloca no campo é ultrapassar o registro da técnica em Acompanhamento Terapêutico para se alcançar o registro da ética. Esse horizonte poderá ser alcançado por meio da fundamentação e explicitação dos princípios que sustentam a modalidade de intervenção clínica denominada de Acompanhamento Terapêutico. Esses princípios que estariam para além dos vértices teóricos utilizados pelos profissionais da área.

Observam-se iniciativas realizadas por parte dos profissionais da área de um anseio de profissionalização do Acompanhante Terapêutico por meio de associações de classe, perspectiva que se inserem principalmente no campo

político. No entanto, uma tarefa continua aberta para os profissionais do campo: o estabelecimento dos princípios éticos do Acompanhamento Terapêutico. A fim de se compreender o proposto nessa argumentação, pode se tomar o exemplo do campo psicanalítico, que ao longo dos anos também teve que partir da técnica psicanalítica para fundamentar a ética da Psicanálise, tais como a investigação e a análise sempre sustentada, a não saturação do campo, a divisão do sujeito, a importância da transferência, entre outros. O estabelecimento da ética de uma prática clínica demanda o esforço da comunidade dos profissionais em direção à reflexão e ao diálogo que supere as divergências teóricas e políticas. Ética resultante do amadurecimento do campo de intervenção clínica.

Tendo em vista essas questões, a guisa de contribuição, pretendo nesse trabalho abordar alguns desses princípios, que penso que podem nos auxiliar a pensar o campo do Acompanhamento Terapêutico pelo ponto de vista da ética.

Há na Psicanálise e em outras escolas de psicoterapia a tendência em focar de modo privilegiado a realidade psíquica. A clínica contemporânea assinala que um princípio fundamental na compreensão do adoecimento humano na atualidade é a *concepção de homem*, na qual não se pode pensar uma pessoa sem a presença do Outro. Nessa perspectiva, cada faceta da condição humana, que não se constitui em presença de Outro é um lugar em que o si mesmo se desfaz: abismos para o nada, para o impensável, para o infinito sem contornos. O Acompanhante Terapêutico, nesta perspectiva situa-se como aquele que disponibiliza o rosto humano ao paciente, para que experiências necessárias e constitutivas possam acontecer. A prática clínica também pode ser compreendida em sua leitura complementar, ou seja, o paciente, por outro lado oferece o rosto humano para o seu Acompanhante. Ambos em uma relação que se faz experiência vivem situações que os colocam em devir, alcançando novos modos de ser mais fundamentados eticamente.

De certa forma, o ser humano está sempre entre dois tipos de experiências: de um lado as experiências que se compõem espacialmente e temporalmente, constituindo um campo de organizações simbólicas articuladas em imagens, palavras, significantes. De outro lado, estão as experiências que desembocam na ausência do espaço e tempo, que jogam a pessoa para o sem fim enlouquecedor. O espaço e tempo humanos que podem ser ofertados pelo Outro, em uma relação que contemplem o encontro inter-humano de modo significativo. Assim sendo, qualquer tipo de situação não mediada pela presença humana ou pelo campo simbólico da realidade compartilhada,

lança o indivíduo em experiências de uma magnitude tal, que lhe acontecem como agonia e que podem levá-lo à loucura. Qualquer sentimento humano, como o amor, o ódio, a raiva, o medo, entre outros, emergem como experiências que tendem à qualidade infinita. É a possibilidade do ser humano de articular estas vivências em imagens, palavras e presenças, o que lhe permite encontrar algum tipo de organização simbólica para uma determinada experiência. Quando isso não ocorre, a pessoa é jogada em agonias decorrentes da dispersão de si mesmo.

Nessas situações não há maneira pela qual a pessoa possa se relacionar com a sua experiência, ela se torna paixão, ou transforma-se em amor ou ódio, com qualidades infinitas. Esse tipo de experiência o toma por completo o paciente e o ameaça com o risco da dispersão de si em direção a um espaço sem fim. Para que o infinito vivido possa encontrar contorno, torna-se necessário que a experiência possa vir a encontrar sentido e significação ofertados pela presença de outro humano.

É bastante problemático não se encontrar um Outro significativo desde o início da vida, em presença de quem se possa acontecer, experimentar a continuidade de si e organizar as próprias experiências em campos simbólicos, estéticos e linguísticos. Nesse ponto adentramos um tema bastante importante na condução da situação clínica que é o risco do excesso de concepções teóricas e ideológicas do Acompanhante Terapêutico, reeditar a fratura ética que levou o paciente à solidão infinita enlouquecedora. Esse ponto ético coloca em questão a singularidade do paciente e o posiciona no campo da abstração e da coisa não humanas. Esse princípio de trabalho clínico possibilita a experiência constitutiva na qual o Acompanhante Terapêutico se coloca em disponibilidade para o seu acompanhado, organizando o seu campo de atuação segundo as características da pessoa em questão. O Acompanhante se torna poroso ao modo de ser de seu paciente.

Assim sendo, o encontro clínico acontece por meio da hospitalidade que acolhe a singularidade do acompanhado. O modo de ser do paciente se apresenta desde o início do encontro por meio de seu ritmo peculiar, decorrente de certa organização corporal, que se coloca em movimento na busca do encontro necessário com o Outro.

A hospitalidade ética se configura esteticamente segundo as características do paciente. Desse modo, a maneira como o Acompanhante acolhe e recebe o seu paciente se organiza eticamente de modo sintônico à estética que se apresenta por meio da corporeidade de seu acompanhado.

O trabalho clínico oferecido pelo Acompanhante Terapêutico precisa ser sustentado pela sua rede de referências e de reações afetiva para que ele possa lidar com situações de intensa ansiedade, que é parte de seu trabalho cotidiano. A ação terapêutica do Acompanhante é decorrente não só de sua formação profissional, mas também fruto de sua biografia e do modo como o saber tácito sobre a condição humana atravessou a história de sua família. A capacidade clínica do Acompanhante Terapêutico é fruto de sua formação e da sabedoria ofertada pelos seus ancestrais. A disponibilidade clínica do Acompanhante Terapêutico é acontecimento intersubjetivo e transgeracional.

O encontro significativo com o Outro, não só possibilita a mediação de espaço e tempo humanos, mas também oferta a possibilidade de ser. O sentimento de mais ser, acontece na pessoa humana por meio da experiência do amor ético ofertado pelo Outro. Habitualmente entendemos a questão do amor, como relacionada à sexualidade, aos afetos, mas ao falar de amor ético assinalo a disponibilidade para o outro, que é o fundamento da experiência de ser da pessoa e também o alicerce do psíquico.

Tradicionalmente na Psicanálise falamos de significações. No entanto, na perspectiva aqui abordada temos que pensar a clínica, não só como um campo de significações, mas como um campo de aberturas, o que é feito pelo gesto, pela apropriação, pela ação no mundo, pela hospitalidade.

Clinicamente, observa-se que pessoas, as quais não tiveram essas experiências originárias de hospitalidade, vivem em intenso estado de desalojamento imersas em um estado do qual não podem nem nascer e nem morrer. Essa é uma angústia vivida como infinita, cerne das organizações defensivas psicóticas.

Como afirmei anteriormente, nesse vértice, estamos lidando com fenômenos que não são do registro do significado, mas de aberturas para a possibilidade de acontecer do si mesmo e do Outro. Somente em um segundo momento após o encontro ético-constitutivo, estaremos frente aos significados, frete às referências, frente às qualidades do encontro e dos acontecimentos.

Se esses fenômenos constitutivos e de inserção do acompanhado no mundo inter-humano acontece, poderemos observar que, eventualmente, ele poderá vir a precisar de seu Acompanhante, para que ele lhe possibilite e lhe ofereça o testemunho de um gesto que o insira no mundo humano, em sua dimensão sociocultural.

Haverá aí tanto um fenômeno de apropriação de uma parte da realidade humana, quanto da possibilidade de transformação desta mesma realidade.

Nesse ponto, estamos frente a uma ação que instaura a possibilidade de o paciente criar por meio de uma desconstrução do mundo ofertado, a inserção de sua singularidade no mundo dos homens. Sem a possibilidade de desconstruir, o paciente estará impedido de alterar o mundo, o que lhe impedirá de conquistar a possibilidade de ter uma apercepção da realidade compartilhada, que lhe possa dar uma visão pessoal do existir.

Estaremos, nesse caso, freqüentemente, frente a uma situação em que a possibilidade de abertura de mundo, no qual o gesto que insere o si mesmo na realidade compartilhada, pode vir a significar a destituição do Acompanhante Terapêutico como profissional, para vir a encontrá-lo como outro humano. Perspectiva, muitas vezes, também vivida pelo Acompanhante, que não compreendendo a necessidade ética que o paciente tem de destituí-lo, reage buscando a preservação de sua identidade profissional, ele tende a interpretar a ação de seu paciente como pondo em perigo a sua existência social. No entanto, a busca é pela pessoa, subjacente ao lugar profissional.

Nesse vértice de trabalho, tem-se sempre no horizonte de compreensão o fato de que o ser humano se constitui criando realidades através de ações sucessivas. Por essa razão, veremos que na situação clínica em Acompanhamento Terapêutico, a *transferência* não será abordada somente como fenômeno decorrente da repetição de relações objetais, anteriormente vividas, mas também como lugar de engendramento, que pode promover novos acontecimentos. Isso significa que nesta perspectiva estaremos trabalhando não só com o inconsciente, mas também com o que nem chegou a ser consciente ou inconsciente. Na situação clínica, o paciente poderá por meio de seu gesto, criar novas possibilidades de ser em dimensões distintas da realidade.

A partir do ensino de Winnicott percebemos que não existe uma única realidade, mas *diferentes sentidos de realidade*: realidade subjetiva, realidade transicional e realidade compartilhada. A realidade subjetiva acontece pelo estabelecimento da experiência de ilusão, na qual a pessoa pode experimentar-se como *sendo*, em continuidade de ser. A realidade transicional acontece a partir do momento em que o paciente já experimentou a confiabilidade ofertada pelo Acompanhante e alcança a consciência de alteridade. A cidade e a cultura acontecem aqui como lugares e meios pelos quais o acompanhado coloca em devir a sua possibilidade de ser. O próximo passo é poder se ver no campo da realidade compartilhada, a qual implica em reconhecimento do Outro e acesso à experiência da realidade decorrente da construção cultural, transgeracional e comunitária.

O ciclo de vida humano acontece por meio de três tempos fundamentais, o nascer, o viver e o morrer. Ciclo que se repete a cada experiência e a cada encontro entre o Acompanhante e seu paciente. Elementos que podem ser contemplados na maneira como o acompanhante organiza o tempo de encontro com o seu paciente. Isto significa que, na perspectiva ética do trabalho clínico é importante criar o mundo, apropriar-se dele de maneira pessoal, para posteriormente destruí-lo para iniciar-se novo ciclo de experiências.

É a destituição do lugar profissional do Acompanhante Terapêutico que possibilita que o paciente possa reencontrá-lo em sua pessoalidade. O fato de o Acompanhante sobreviver como pessoa a esse momento de trabalho, permite que se apresente a complexidade da pessoa humana. A destituição aqui é busca de encontro ético para além das especializações, tão frequentes na organização do mundo a pariri da modernidade. O paciente diante de seu Acompanhante Terapêutico descobre dessa maneira um transbordamento da pessoa do Outro.

Observa-se que muitas situações clínicas em Acompanhamento Terapêutico não se instauram, apesar de o Acompanhante e o acompanhado se encontrarem já há muito tempo. A situação clínica de acompanhamento se instaura a partir do momento em que o Acompanhante pode vir a reconhecer a singularidade do paciente, pelo modo como o seu sofrimento explicita os desencontros de sua história. Para esse trabalho, o importante não é tanto o que o paciente esconde, mas o que ele revela, por meio de sua dor e pelo seu modo de ser. A atenção voltada para o que o paciente revela de si e para o que ele assinala como parte de suas necessidades constitui os fundamentos do encontro ético que possibilitará que ele possa sair de sua situação de agonia enlouquecedora. Ele tem um conhecimento não cognitivo do que necessita para continuar o seu processo de constituição humana, que se apresenta assentado na experiência de esperança de um encontro humanizador.

É necessário que se possam reconhecer as ressonâncias biográficas do sofrimento do acompanhado, para se conduzir de modo satisfatório o processo de acompanhamento, e para isso é preciso se ter necessariamente uma visão histórica do outro. É necessário reconhecer o paciente em seus dramas, nos movimentos que já realizou para tentar posicionar suas questões, seus enigmas, seus desalojamentos. É preciso se familiarizar com a história de sua família, com as possibilidades que ela lhe deu, para que as necessidades do paciente sejam compreendidas pelo AT. Eticamente, o trabalho clínico demanda que a situação de acompanhamento seja estabelecida a partir das

características do Acompanhante Terapêutico e das necessidades e características do paciente.

O tema do desinvestimento do encontro com a sua conseqüente finalização implica que o próprio acompanhado cria o término daquele encontro, na medida em que as suas necessidades básicas tenham sido contempladas.

O ser humano é, continuamente, afetado pelos acontecimentos no mundo. As transformações socioculturais e seus efeitos na estética, na ética, nas relações entre os homens acarretam novas modalidades de sofrimento. Para fazer frente a essas questões e sermos fiéis à nossa vocação de clínicos, temos que nos posicionar como eternos aprendizes. O inédito e o singular visitam, a cada dia, a nossa prática, nos ensinando novas maneiras de caminhar em direção à revelação da condição humana. O trabalho clínico realizado em acompanhamento terapêutico acolhe inúmeras situações que possibilitam não só a oferta de intervenções éticas que auxiliem o paciente a modular a agonia que carrega em seu bojo, mas também permite que se possa investigar de que modo o mal estar contemporâneo atinge o ser humano, dando ao Acompanhante Terapêutico posição privilegiada de investigação de novas modalidades de subjetivação e decorrentes descobertas de facetas inéditas necessárias à situação clínica acolhidas no manejo do acompanhamento. Por meio das características pelas quais o acompanhamento acontece pôde-se reconhecer que essa é a modalidade de intervenção clínica que melhor acolhe as fraturas éticas tão frequentes na atualidade: o encontro entre pessoas em um mundo que guarde a memória do humano.